

PAJADA PARA A LÍNGUA PORTUGUESA

Eu transito pelo verso
Com metáforas de campo,
Lampejos de pirilampos
Nos vocábulos impressos.
Pois toda vez que me expresso
Com a prosa dos galpões
Tenho o sotaque dos peões.
Que, por mais que o tempo mude,
- Apesar do timbre rude -
Jamais renega Camões...

Meu verso tem a aspereza
Das forjas de ferraria...
A pena molda a poesia
De vocação camponesa
Mas a língua portuguesa
É a chama que me inspira
A seguir timbrando a lira
Com acordes de guitarra,
Borracho, que nem cigarra
Que bebe sol e delira...

Eu me criei na fronteira
Mas nem por isso declino
Do meu idioma sulino
Nem da Pátria Brasileira.
Cantar à moda estrangeira
É renegar todo o brilho
Com o qual Camões, no exílio,
Sofrendo ausências eternas,
Chorou na língua materna
E foi exemplo de filho...

Amo o timbre das auroras,
Do vento nas casuarinas,
Que a Terra Mãe nos ensina
Nos sons que a gente decora...
Que tem sílabas de esporas

E cadência de leguero
E que, apesar de campeiro,
Não aliena o fonema
Mas eterniza o poema
Do cantador brasileiro.

Nosso idioma lusitano
Que saiu de Portugal
Na odisséia de Cabral
Pelos confins do oceano,
Chegou ao solo pampiano
Pra dar nome às sesmarias
Quando o Rio Grande nascia...
É na mais bárbara etapa
Ete nizou-se no mapa
Batizando a geografia.

Não contesto as influências
Nem a mescla de culturas
Pois a pampa é uma mistura
De matizes e vivências,
Porém me dói, na consciência,
O que se faz e se fez
Ao desprezar a altivez
Desse idioma em que Caminha
Registrou, em poucas linhas
O Brasil em Português.

Por isso não abro mão
De cantar as nossas plagas
Com sons de esporas e adagas
E cochichos de galpão
Como se fosse guardião
Ou mecenas do alfabeto
Com que cantou Simões Neto
As lendas do nosso povo,
Sem modismos nem retovo
Que causassem desafetos...

Por mais sonoro ou divino
O idioma de Cervantes,
Não me parece vibrante
No mesmo tom cristalino
Que timbra os versos do Hino
De um Osório Duque Estrada,
Um soneto, uma pajada
Com a sublime beleza
Da linguagem portuguesa
Tantas vezes desprezada...

Não entendo esse elitismo
De adotar língua estrangeira,
É qual trocar a bandeira...
Pois língua é também civismo,
É sonoro patriotismo
Que, pela vida, se agrava...
Nos versos que a gente grava
Sobre as folhas do caderno
Querendo ficar eterno
Com a pátria nas palavras.

(Vaine Darde)



Os grandes feitos dos portugueses foram cantados por Camões em "Os Lusíadas". (L. O.)

www.landrooviedo.com

Publicado no jornal Megalupa, número 6, em junho de 2012.